A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

A MORENA E A LOIRA (Quadro de Henri Bource)

CHRONICA

D'esta vez não são os assumptos que faltam: é o espaço que não sobeja. Ha dias em que o chronista padece torturas do inferno para encontrar um *canevas*, dias medonhos de esterilidade, em que Lisboa não dá mesmo nada na politica, no escandalo, na vida mundana ou na vida artistica. Nem um assassinio, nem uma questão apaixonada e ardente como este implacavel calor d'agosto que nos torra, nem uma simples festa de caridade... Tudo chato e sereno, tudo agua morna e capilé frio dos mais insulsos!...

E é precisamente então, quando, por um escarneo do zombeteiro acaso, o espaço destinado á chronica se alonga mais e mais, e cresce e avulta, á medida que os assumptos rareiam e que o chronista, não tendo nada para dizer ou para contar, se vê quasi resolvido a impingir alguma funebre historia de Baudelaire, já sédiça, n'este local que devia ser sempre um repositorio de coisas novas, alegres e doudejantes, como avesitas a esvoaçarem em pleno azul, saudando os primeiros clarões da aurora com um cantico festivo.

Hoje, que ha de tudo um pouco, hoje, que os themas fervilham em volta da nossa mesa de trabalho, qual d'elles mais convidativo e mais tentador, quer o mesmo acaso escarninho que tenhamos por força de deixar ignorada, nos abysmos negrejantes do tinteiro, muita coisa digna de saber se, porque não ha espaço para largas narrativas.

Emfim, que remedio?

=E a semana foi excepcionalmente movimentada, foi, tendo-se a politica encarregado de lhe imprimir grande parte d'essa agitação febril que a caracterisou.

Emquanto o bello sexo da *haute-gomme* historica emigra aos bandos para as praias de Espinho e da Figueira, onde a eterna vaga faz rolar por sobre a areia alvejante os mesmos seixinhos espheroidaes, com um ruido monotono, os jornalistas herculeos e sanguineos da politica conservam-se no seu posto de combate, sem ares de campo e sem banhos do mar, rolando pelas columnas das gazetas um nome já celebre—Pinheiro Chagas—e outro que o era apenas no *Barbeiro*,—Basilio Castello Branco—se lhe tirarmos o appellido e lhe accrescentarmos um *Dom*.

Estes dois nomes enlaçam-se, misturam-se e confundem-se nos periodicos indigenas, a proposito d'uns sapaes algarvios, que o citado sr. Basilio pediu ao governo, para os mandar beneficiar, e que o governo lhe concedeu, mediante condições estipuladas em decreto. D'ahi, uma questão salgada como os terrenos cedidos, e mais que salgada—azeda,—em que os derivativos do verbo *alagar* pullulam e se multiplicam, de cambulhada com alguns palavrões menos correctos e bem soantes.

A Fazenda nacional é uma *alagadeira*, dizem as folhas.

O ministro da marinha um *alagador*.

O governo um *alagado*.

O sr. Basilio um *alagadiço*.

A concessão um *alagamento*.

Os jornaes que defendem o ministro uns *alagadiceiros*.

Todo aquelle que floréa no torneio jornalistico pelo concessionario, *alaga-se*.

A imprensa que quebra lanças pelo decreto, anda *alagadamente*.

A situação regeneradora chafurda n'um *alagamar*.

E, n'este tiroteio *d'alagadiços*, n'este *rally-paper* de *alagamentos* e de *alagadores*, o nosso espirito chega a *alagar-se* d'um aborrecimento descommunal e invencivel, que nos faz bradar, paraphraseando o grande poeta inglez:—«O' politica, o teu nome é semsaboria!»

=Depois dos alagados, os *incendiados*, outro assumpto que encheu a semana com subscripções, festas e concertos.

E' já do dominio de toda a gente o incendio da Caparica, e toda a gente sabe, tambem que esse fogo reduziu a cinzas as cabanas dos habitantes d'aquella praia, uns pobres homens, cuja vida é pescar, e cuja fortuna, cifrando-se em dois cacos velhos e outras tantas redes legadas de paes a filhos, foi toda por agua abaixo no sinistro, se não é mais correcto dizermos «pelo fogo abaixo.»

Desenvolvendo uma actividade, que corre parelhas com a sua estatura assombrosa, o representante dos almadenses e dos capariqueiros em côrtes, de camaradagem com varios phylantropicos da nossa imprensa periodica,—ainda os ha.—vota-se á missão nobilissima de restaurar Caparica feita em torresmos: angaria donativos: realisa um grande concerto na Explanada dos Recreios, a bem dos seus eleitores prejudicados pelo fogo; pede ás bandas regimentaes que toquem para elles; convida os industriaes a soccorrerem aquella negra miseria com os productos da sua industria: revolve Lisboa em peso para suavisar o infortunio dos pescadores de Caparica, como Arthur Meyer revolveu Paris para minorar a desgraça dos habitantes da ilha de Ischia.

E é assim que os caparíqueiros, uns infelizes que viviam, antes do incendio, sob desconfortaveis e miseros tectos de colmo, em esburacadas e nojentas cubatas, vão agora ter cabanas do trinque, muito garridas e muito sécias, onde se refaçam dos prejuizos do incendio, abençoando o Ceu por lhes ter enviado um fogo providencial, e a urna por lhes ter dado um representante de feição, ainda muito mais generoso e activo que compridо e bem posto.

Se eu tivesse a certeza de ser tão feliz como os indigenas de Caparica, e se o deputado a quem dei o suffragio me garantisse sorte egual á que lhes coube, amanhã ou hoje mesmo —*chi lo sa*—pegava fogo aos meus penates. Palavra de honra que o fazia, e sem remorsos de grande monta.

=A população de Lisboa continua a desertar para longe das nossas vistas. Uns demandam a frescura balsamica dos campos; outros aproam á Ericeira, á Granja e a Espinho, em busca das salsas ondas: outros, ainda, seguem o rumo das Caldas da Rainha e de S. Pedro do Sul, necessitados de mergulhar o corpo enfermo nas thermas d'aquellas abençoadas paragens.

Os que ficam, raros, quedam-se com o espirito povoado por magicas visões de brancas praias, onde perpassam bandos saltitantes de mulheres olympicas, exhibindo *toilettes* cor de rosa e fatos de banho azul *marin*.

Os que partem, aos que partem sinto eu desejos de repetir estes deliciosos versos de Musset, embora guarde n'alma a pena cruciante de não poder ir com elles:

> «Que t'en vas tu chercher, sinon quelque hasard,
> Et que rapportes tu sinon quelque souffrance?!»

=A estatistica criminal tem a registrar mais um assassinio, praticado em Lisboa com a arma traiçoeira e asquerosa dos vilões e dos covardes—a navalha.

O crime perpetrou-se de noite, lá para a calçada do Poço dos Mouros, n um bairro infestado por gente de má nota, com a folha corrida cheia de maculas.

O assassino pertence á raça damninha d'esses *fadistas* emeritos, que fazem da vadiagem uma doutrina, da ociosidade um artigo de fé, e do crime uma religião. Tem 21 annos, e já registra, nos seus pergaminhos de malandrim encartado, mais de 15 prisões por varias *façanhas*.

Aos quatorze annos dava, pela primeira vez, entrada no Limoeiro. Quando d'ali sahiu vinha mestre na arte de esfaquear o proximo.

O assassinado era um trabalhador honesto. Deixa de si memoria honrada, e mulher e filhos sem pão.

Triste!

=Para desvanecer tristezas, eu podia agora dizer-lhes alguma coisa a respeito da companhia acrobatica e gymnastica do Colyseu, que se estreiou já, mas o espaço...

Fallaremos d'ella no proximo numero.

C. DANTAS

O MOVIMENTO DE 15 DE SETEMBRO DE 1820

Respiguemos ainda no excellente livro do sr. Clemente dos Santos alguns factos interessantes.

Vimos, no artigo anterior, um trecho curioso do officio do conde de Rezende. Refere-se este officio ao movimento de 15 de setembro de 1820, que foi a repercussão, em Lisboa, do movimento de 24 de agosto no Porto.

Tentára a regencia resistir ao movimento portuense, e durante tres semanas conseguira effectivamente impedir que rebentasse em Lisboa o enthusiasmo revolucionario que refervia em todos os espiritos. Temiam-se elles principalmente da tropa e tinham razão. Lisboa por si é pacata, e pouco atreita a correr as aventuras das revoluções, mas os officiaes e os soldados, inflammados pelas proclamações ardentes dos seus camaradas do Porto, já mal continham a sua impaciencia. Sabia isso o governo, e por isso procurava evitar todo o contacto de tropas com o povo. Ora no dia 15 de septembro, anniversario da retirada dos Francezes, depois da convenção de Cintra, havia uma festa em Lisboa e parada. Entendeu-se que era necessario evital-a, e foi por isso que o ajudante general Mósinho ordenou ao conde de Rezende que tivesse entretidos, durante o dia e a noite de 15, os regimentos de infanteria 4, 10 e 16. Este ultimo era commandado pelo coronel inglez Inodgrass.

A regencia, porém, estava já sendo mal servida, porque o proprio conde confessa no seu officio que só ao meio dia e meia hora do dia 15 de setembro é que se dirigiu ao quartel do 16, por saber que elle estava em fermentação. Se elle chamava entreter o corpo conserval-o preso no quartel, no dia em que, soldados e officiaes, sabiam que deviam formar em parada, fazia uma singularissima idéa da significação das palavras.

Foi, e o regimento recebeu-o quasi em revolta. Quando fallava aos officiaes sentiu de repente bradar ás armas, e, saindo para a

parada do quartel, encontrou uma companhia armada, e prompta a marchar para o Rocio. Era esta, naturalmente, a companhia do commando do tenente Aurelio José de Moraes, que uma falsa tradição, registrada por Innocencio Francisco da Silva no artigo biographico por elle consagrado a Frederico de Moraes, filho do tenente Aurelio, diz que se apresentou com a sua companhia em armas no Rocio, a dar vivas á junta do Porto. Não foi assim: Foi a companhia de Aurelio de Moraes que tomou a iniciativa do movimento no quartel, movimento que arrastou o conde de Rezende, o qual, allegando, como allegou no seu officio, *que a baionetas quando pedem, mandam*, marchou para o Rocio com o regimento 16: e é por tal forma electrica, n'estes momentos supremos, a noticia de qualquer movimento decisivo, que, segundo affirma o conde, quando o regimento entrou no Rocio, encontrou apenas alguns grupos dispersos de paizanos, mas quando chegou ao meio do praça, já difficilmente conseguiu desenvolver-se em linha, porque a turba immensa não deixava liberdade para a manobra, e porque nem já se ouviam as vozes de commando no meio do espantoso tumulto de vivas ao rei, á religião, á constituição que as côrtes fizessem, ao regimento e á junta do Porto.

Alli proclamou o povo tumultuosamente um governo provisorio, de que fez parte o conde de Rezende, tendo-se reunido immediatamente a guarnição toda no Rocio. De um instante para o outro desappareceu a regencia, e estabeleceu-se o novo governo provisorio, sem um protesto sequer, porque o proprio ajudante general Mósinho, todo creatura do Beresford, apparecendo no Rocio, nem tempo teve de fazer recriminações, sendo já custoso salvar-lhe a vida.

No dia 17 de setembro fez-se no mesmo Rocio uma parada magnifica, no meio dos clamores enthusiasticos do povo.

Tem cabimento aqui uma anedocta curiosa, que a gravidade historica não deixaria inserir n'um livro serio, mas que, n'estas paginas fugitivas, pode figurar sem desdouro. Conta-a n'um livro pessimamente escripto, mas cheio de informações interessantissimas, um Francisco José de Almeida, que rabiscou lembranças da sua vida com o titulo de *Apontamentos da vida de um homem obscuro*.

Diz elle que, sendo então criança, esteve tambem no Rocio assistindo á parada. O povo soltava mil gritos diversos, e o conde de Sampaio, que apparecera á varanda do palacio do governo, respondia o melhor que lhe era possivel ás suas reclamações e exigencias. Um padre, que estava na frente do pequeno, com a sua bota de canhão e borla, e brandindo energicamente uma bengala abbacial, vociferava com os outros.

—Queremos uma constituição tão liberal como a da Hespanha, gritava um popular.

—Isso! apoiava o padre! uma constituição tão liberal como a da Hespanha!

—Ha de fazer-se, respondia mansamente lá de cima, da sua varanda, o conde de Sampaio.

—Queremos uma constituição mais liberal do que a da Hespanha! berrava outro mais avançado.

Então, o padre embatucou! A bengala, que meneava energicamente, ficou immovel, e o bom do homem, voltando-se para o lado d'onde viera a voz, exclamou com força:

—Mais liberal do que a da Hespanha!... Não queremos nem mesmo indicar com uma letra, como faz Francisco José de Almeida, a palavra com que o padre concluiu a sua pasmada phrase. Diremos apenas que, apezar de não estar n'um quadrado de Waterloo, nas criticas circumstancias em que se achava a guarda imperial, o padre da bota de canhão não foi menos energico do que o general Cambronne.

É a historia de todas as revoluções. Ha sempre um momento em que os ardentes revolucionarios da primeira hora, impellidos pela onda que vem atraz, se voltam pasmados, e respondem com a palavra de Cambronne áquelles que não fazem senão seguir e ampliar o impulso que elles lhes déram. Os revolucionarios conscientes vão até onde querem ir, preparados já para a resistencia aos *ultras*... esses são os Mirabeau. Os revolucionarios inconscientes, incapazes de comprehenderem as leis fataes d'esses cataclysmos da sociedade, debatem-se pasmados e indignados contra a onda que os derruba, depois d'elles lhe terem aberto o caminho.

Foi essa, até certo ponto, a historia da revolução de 1820, e da contrarevolução de 1823, feita, em grande parte, pelos mesmos que tinham proclamado com mais ardor a nova ordem de coisas.

PINHEIRO CHAGAS.

DO ULTIMO ROMANTICO

III

DIA DE ANNOS

Faço hoje annos. Que triste isolamento!
Que frio desconforto!
Como que estou desamparado e morto,
Na treva sepulchral do esquecimento!

Paralysa-me a alma um tedio enorme!
No meu quarto de estudo
Mappas, livros, paineis, retratos, tudo
Tudo parece que repousa e dorme!

Mais um anno de vida, que epigramma
Crivado de ironias!
Trezentos e sessenta e cinco dias,
Em que a morte me andou fazendo a cama
No restolho das minhas alegrias....
Mais um anno de vida! que epigramma!

Eu vou descendo a encosta lentamente...
Que lugubres caminhos!
Sumiu-se o sol, cujo calor ardente
Bebeu febril as aguas da corrente,
Crestou as rosas e desfez os ninhos!

Nem perfumes, nem canticos, nem flores!
Que solidões agrestes!
Que carnaval de lividos horrores!
Nem um planeta a palpebra descerra!
O' morte, quando é que tambem me vestes
Um negro domino feito de terra?

Como deve ser bom n'um dia d'estes,
Cercar-me de creanças,
Que erguendo os olhos limpidos, celestes,
Venham saudar o seu papa sorrindo
Com flores nas mãositas e nas tranças!

E, para o quadro ser muito mais lindo,
A mãe de roda d'ellas,
Meu Deus, que bom! risonha e delicada,
Como uma nuvemsita illuminada
A fluctuar em volta das estrellas!

E depois do jantar
Vel-as correndo alegres no terraço,
Ou a saltarem, rubras de cançasso,
Nas sombras amorosas do pomar.

Emquanto a mãe erecta, fina e grave,
Assentada ao piano,
Modula uma canção terna e suave
Na sua voz tranquilla de soprano...

Que lindo sonho!... E vejo-me sósinho!
E não tenho ninguem que me conforte!...
Ouço o vento a chorar, tragico e forte,
Nos funebres chorões do meu caminho,
As lagrimas da morte!

Vem-me seguindo vagarosamente,
N'um feretro pesado,
A minha louca mocidade ardente,
Meu triste coração despedaçado...

A proporção que os annos vão passando,
Uma branca mulher desconhecida,
Que eu sempre vi atraz de mim chorando
No decorrer da minha curta vida,
A proporção que os annos vão passando,
Vae-os ella no feretro lançando.

Essa mulher, a minha companheira,
Com quem de noite muita vez converso,
Que eu temo e que eu adoro,
Lembro-me de a ter visto a vez primeira
De pé, junto ao meu berço,
Quando chorei o meu primeiro choro!

Branca, assim como as velhas esculpturas
Dos marmores pagãos,
Pelas costas as tranças desmanchadas
E nas pallidas mãos
O bandolim das minhas amarguras,
Com as cordas quebradas!

As vezes canta a trémula elegia
D'um rythmo tão sereno,
Que é a lenda da minha phantasia,
E que tem a maguada nostalgia
Das balladas do Rheno!

Pois bem. Essa visão que me acompanha
Chorando desgrenhada,
Que eu temo e que bemdigo,
Quando chegar á base da montanha,
Haveis de vel-a emfim petreficada
Em pé, no meu jazigo!

Lisboa, 18—7—84.

MACEDO PAPANÇA—VISCONDE DE MONSARAZ.

CORTEZIAS

Dizem que S. M. catholica, el-rei D. Filippe II de Hespanha, que Deus haja, tinha uma indole felina; que era ingrato, dissimulado

ESPERA-ME Á NOITE!... (Quadro de J. E. Gaisser

O NAUFRAGIO

(Copia d'uma photographia de Fr. Hanfstaengl)

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA (Quadro de Silvio Giulio Rotta)

e cruel. Seria; mas não conheço por todo esse mundo outro soberano que tanto se desvelasse pela felicidade dos povos, como elle pela dos seus vassallos portuguezes. Um dia, assentado no throno glorioso de D. Manoel, com a face encostada na mão, scismador, romantico, lançando olhos tristes sobre as miserias do reino, exhalou maguadissimo suspiro, e disse no intimo da sua alma: «Pobres filhos! que farei eu para vos tornar felizes, para tornar grande e prospera, respeitada e temida a vossa patria!? Que farei!?» E como subitamente illuminado por uma inspiração do céo, exclamou: «Oh! vou fazer uma lei de cortezias.»

As suas intenções eram santas, a sua resolução inabalavel; desceu a toda a pressa os degraus do throno, e foi fazer *a lei das cortezias*, antes que lhe esquecesse. Elle, o poderoso monarcha de cujos dominios jamais se retirava a luz do sol, fez-se mestre de meninos, por amor dos seus vassallos, ensinando a estes, com paternal carinho, como é que deviam escrever os sobrescriptos, não só quando precisassem tratar alguns negocios, mas tambem quando lhes appetecesse saber noticias dos amigos ausentes.

Grande rei e grandes tempos!

O assumpto era delicado e complicado, mas el-rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além-mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India etc., não só fallou no caso com as pessoas do seu conselho, mas tambem quiz ouvir as pessoas de letras e consultou as pessoas de experiencia. Tudo isto declarou S. M. Catholica no preambulo da referida lei, fazendo sentir, que dos excessos e abusos introduzidos no modo de fallar e escrever tinham resultado muitos inconvenientes, e que era necessario, para socego dos seus vassallos, reformar os estylos a esse respeito, e reduzil-os a ordem e termo certo.

Sollicito pela tranquillidade dos referidos vassallos, e compenetrado dos seus deveres, ensinou el-rei aos povos, não só a escrever sobrescriptos convenientemente, mas tambem a fallar com decoro e gravidade, e a escrever cartas com todas as regras da cortezia, dispensando benignamente as da grammatica.

Ordenou, pois, S. M. que, no alto das cartas e papeis que lhe fossem dirigidos, se escrevesse somente a palavra *Senhor*; e que rematassem: *Deus Guarde a Catholica pessoa de V. M.* No sobrescripto: *Para el-rei Nosso Senhor.* Somente os duques e marquezes e seus primogenitos, assim como todos os filhos dos duques parentes da casa real, é que poderiam pôr no sobrescripto: *A el-rei, Meu Senhor.* Com as rainhas se devia guardar o mesmo estylo; e aos principes e princezas, assim como aos infantes e infantas se deveria dar o tratamento de *Alteza*, e nos sobrescriptos: *Ao Senhor Infante ou Infanta*, N. Porém, quando se escrevesse ou dissesse absolutamente *Sua Alteza*, attribuir-se-ia somente esse tratamento ao principe herdeiro.

Item, abotoavam-se outrosim com o tratamento de *Alteza* os cunhados, cunhadas, genros e noras dos reis.

A lei é minuciosa, e em materia de sobrescriptos chega a ser exhuberante; sempre massadora, de conformidade com o seu caracter paternal. Escripta em letra gorda, estende-se magestosamente por quatro paginas in-folio; mas agora os tempos são outros, e por isso vamos reduzil-a a tamanho natural, limitando-nos a indicar as pessoas a quem competiam os seguintes tratamentos:

Excellencia. Os filhos e filhas legitimas dos infantes, e aquellas a quem os senhores reis tivessem feito similhante mercê, como, por exemplo, o duque de Bragança; e mais nenhuma outra, «por grande estado, officio, ou dignidade que tivesse.»

Senhoria Illustrissima. O arcebispo de Braga, por ser primaz; e mais ninguem, mais ninguem.

Senhoria. Arcebispos, bispos, duques e os filhos d'estes a quem el-rei mandasse cobrir. Item: os marquezes, condes e o prior do Crato. Os embaixadores que tivessem assento na capella real, e quaesquer pessoas a quem el-rei mandasse cobrir. Os visoreis e governadores do reino, emquanto exercessem estes cargos. O regedor da justiça da casa da supplicação, o governador da relação do Porto, vedores da fazenda e presidentes do desembargo do paço e da mesa da consciencia e ordens; todos estes emquanto estivessem assentados nos seus tribunaes, porque fora d'isso não podiam usar de tal regalo. «Nas partes da India deviam fallar por *Senhoria* ao visorei ou governador, todas as pessoas que por lá andassem.»

Paternidade. Os geraes e provinciaes das ordens religiosas.

Reverencia. Os outros religiosos.

Tudo que não estivesse incluido n'estas cathegorias apenas tinha direito a um *Vossa Mercê* ou *Vos.* E o que se deprehende do seguinte artigo, que vamos transcrever na integra, por nos parecer curioso:

«Que no estylo de escrever umas pessoas a outras se guarde geralmente, sem excepção alguma, a ordem seguinte: Começará a carta ou papel, pela rasão, ou pelo negocio sobre que se escrever, sem pôr debaixo da cruz no alto, nem ao principio da regra, nenhum titulo, nem lettra, nem cifra que o signifique: e acabará as cartas dizendo: *Deus guarde a V. Senhoria*, ou a *V. mercê*, ou *Deus vos guarde*, e logo a data do logar e do tempo, e apoz ella o signal (assignatura) sem outra cortezia no meio.»

O carinho de S. M. Catholica revela-se principalmente na doçura de correcções que applica a todos os seus fieis vassallos que «não cumprirem e guardarem inteiramente, no todo ou em parte, o contheúdo n'aquella sua lei.» Os contraventores, se tivessem a qualidade de fidalgos, até cavalleiros, pagariam, pela primeira vez, dez mil réis de multa, sendo a metade para o accusado e outra metade para os captivos; pela segunda vez vinte mil réis de multa, repartidos da mesma fórma. As pessoas de menor qualidade ficavam sujeitas á pena, pela primeira vez, de uma multa de dez cruzados e um anno de degredo para fóra do logar e termo; pela segunda, vinte cruzados de multa e um anno de degredo para a Africa; as outras reincidencias eram punidas com maiores penas, a arbitrio do juiz.

«E mando a todas as justiças d'estes meus reinos e senhorios, recommendava o sr. D. Filippe, que tenham particular cuidado de executar as ditas penas, n'aquelles que não cumprirem inteiramente a lei.»

Mas houve quem não cumprisse, nem soffresse o menor castigo. Um escandalo. A lei fez sensação, muita sensação no palacio de Villa Viçosa. A senhora D. Catharina, duqueza de Bragança e em cujas veias girava sangue de reis, enxofrou-se por se não ter com ella, com o duque e seus irmãos a conta que era rasão—«na ley que agora se publicou dos estylos de escrever e fallar.» A senhora duqueza e o senhor duque, resolvidos a manterem as preeminencias e prerogativas da sua casa, mandaram para Madrid um: *Papel sobre a lei das cortezias*, muito maior do que a propria lei! Expunham amargamente os muitos aggravos que lhes fazia a nova ordem de coisas, e explicavam, pelo miudo, as rasões que tinham para se darem por offendidos, e para reclamarem, pedindo que fosse reformada a determinação regia, no que dizia respeito á sua casa.

O senhor D. Filippe amarroou; não respondeu ao papel; mas a senhora D. Catharina continuou a usar o tratamento *d'Alteza*, e o senhor duque teve o heroico arrojo de continuar tambem a assignar-se *Duque*, sem nunca pôr o seu nome, como a lei expressamente determinava! E elle escreveu assim aos ministros e ao proprio rei, e em Madrid encolheram-se! Zangas da senhora duqueza e do senhor duque; indignação dos creados; raivinhas surdas no palacio do Escurial; mas por fim tudo acabou sem bulhas, graças a Deus.

O auctor da lei, talvez extenuado com as fadigas que ella lhe custou, como ter de aturar as massadas das pessoas do seu conselho, e das pessoas de letras e das pessoas de experiencia, falleceu, ficando abençoada a sua memoria e glorioso o seu nome, por ter posto no são estas coisas de cortezias.

Seguiu-lhe o filho o nobre exemplo, mas com menor sacrificio, porque nem teve de ouvir as pessoas do seu conselho, nem as pessoas de letras, nem as pessoas de experiencia: lá se foi guiando pela sua cabeça. Os desembargadores e outra gente grande dos tribunaes pediram-lhe para usarem *senhoria*, mesmo fóra das suas cadeiras curues; e elle, n'um alvará, disse lhes que sim, que sim, que usassem. O duque d'Aveiro quiz *excellencia*, e o magnanimo D. Filippe III mandou-lhe de Madrid um alvará, no qual parecia dizer-lhe muito polidamente: pois use, mas deixe-me. Isso sim; não o deixavam. O barão d'Alvito requereu senhoria; allegou que era casado com uma filha do vedor da fazenda de S. M., como se el-rei tivesse culpa no casamento! Mais outro alvará.

Por ultimo já ninguem se incommodava a requerer, e cada um ia usurpando á surrelfa o tratamento que lhe não pertencia. Quando a noticia d'esta desgraça, e d'este perigo para a ordem publica, chegou aos ouvidos d'el-rei, elle azoou com a historia, e desandou com um alvará de ferir lume. Mandou publicar de novo «a ley e prematica feita sobre as cortezias», recommendou aos magistrados o maior rigor na applicação das penas, as quaes nunca poderiam diminuir nem minorar em coisa alguma; e ordenou aos corregedores e provedores incumbidos das correições, que tivessem muito em vista similhante objecto, não deixando escapar nenhum criminoso de tão nefando attentado.

Os provedores e os corregedores a principio andaram bem, mas depois desmazellaram-se, e a obra grandiosa e benefica do rei catholico foi esquecida, foi mesmo despresada pelos ingratos portuguezes!! Mas a providencia olhou misericordiosamente para este reino, e enviou-lhe um grande principe, que immortalisou o seu nome com o convento de Mafra e uma nova lei de cortezias.

Salvé, Magestade!

Nada se alterou quanto á familia real, mas alargou-se consideravelmente a esphera das *excellencias* e das *senhorias* e fez-se uma revolução enorme nos sobrescriptos. Aos grandes do reino, assim ecclesiasticos como senhores, se deveria escrever: *Ex.mo Rev.mo Senhor*, aos primeiros, *Ill.mo Ex.mo Senhor* aos segundos, entrando n'esta conta os secretarios d'estado, a gente grande da justiça, os governadores da India e Brazil, etc., etc. Os bispos tambem apanharam um posto d'accesso, podendo usar o que a lei antecedente concedia só ao arcebispo primaz: *Senhoria Illustrissima.* Os viscondes, os barões, os officiaes da casa real, os moços fidalgos com exercicio, etc., etc., etc., arranjaram *senhoria.* Na gente da governança das ordens religiosas houve tambem muitos augmentos. Toda a canzoada de gente miuda ficou como estava.

Em tudo generoso e magnanimo, o grande rei até na imposição das penas se quiz mostrar superior ao filho de Carlos V. A multa e o desterro continuou a ser o castigo dos contraventores, com a differença, porém, que os fidalgos, até cavalleiros, pagavam, pela primeira vez, cem mil réis, e pela segunda duzentos mil réis; as

pessoas de melhor qualidade incorriam, pela primeira vez, na multa de vinte mil réis e além d'isso dois annos de degredo para fóra do logar e termo; e pela segunda vez, na multa de quarenta mil réis e cinco annos de degredo para a Africa. A previdente lei dispunha mais que, se algum culpado não tivesse dinheiro para satisfazer a pena pecuniaria, soffresse, pela primeira vez, dois mezes de prisão, e pela segunda quatro, não podendo nunca estas penas ser moderadas ou commutadas. Nas outras reincidencias pena maior, a arbitrio do juiz. E nada mais se continha no documento a que me reporto.

D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

D. Basilio.—Não se desconsole o caro D. Basilio; ahi vão quatro charadas das suas.

F. F. Junior.—As quadras que mandou não nos quadram, por incorrectas. Quem se lembra de rimar *homem* com *ordem* e *neve* com *pede*? Valha-nos a virgem santa do Sameiro!

José Pessanha.—Não recebemos o conto sem titulo a que allude.

Tom Pouce.

CHARADAS

Quem não anda fia e prega—2—2.

Esta ave sósinha está na fabula—2—1.

Este nome na musica tem grades—1—1.

Aqui, na Asia, na bocca e na bocca—1—1—1.

D. Basilio.

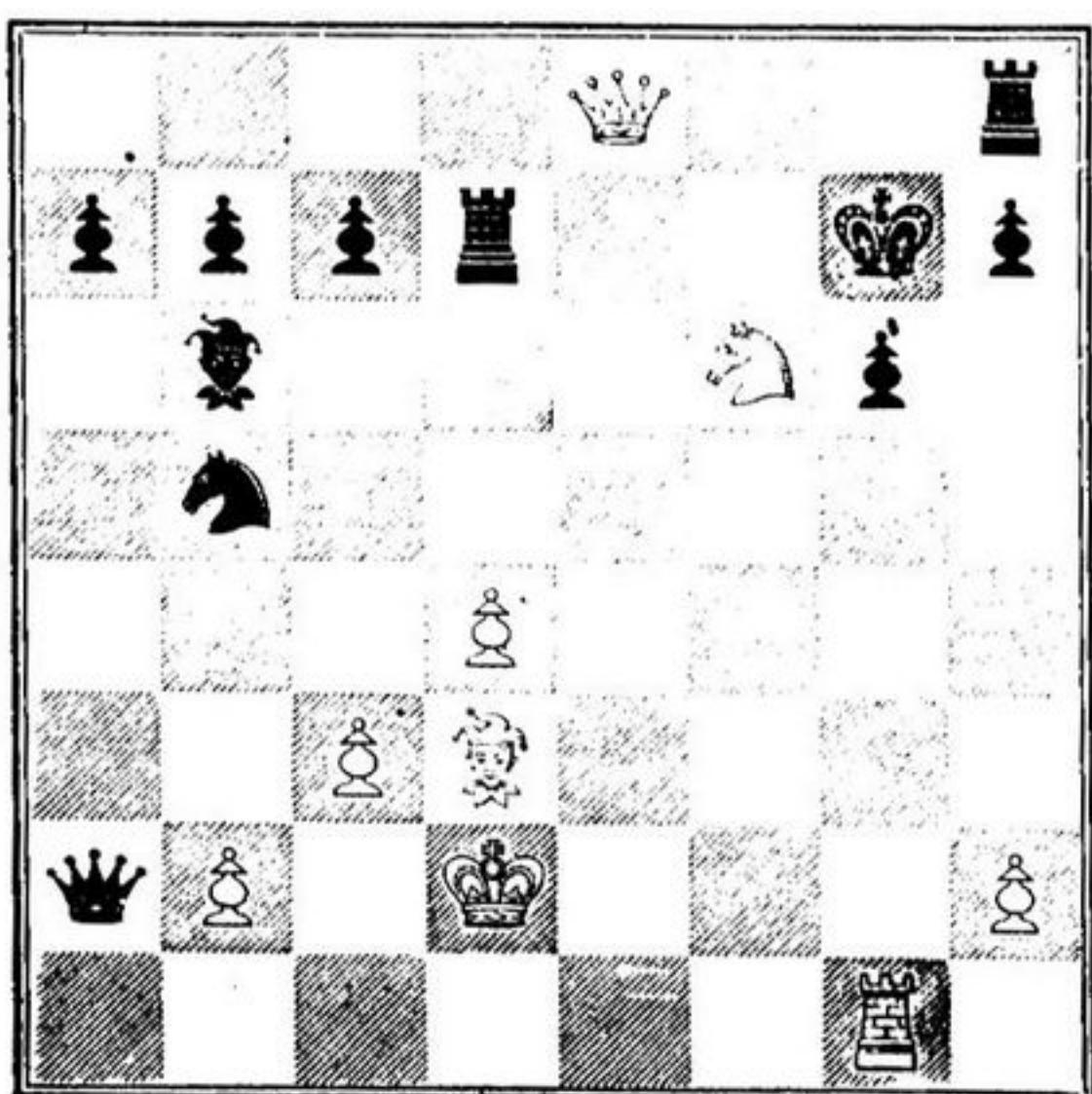
E' titulo religioso
de todos bem conhecido:—2
e não é menos vulgar,
entre nós este appellido.—2

Vegeta bem o conceito
pelos campos e jardins,
ao pé da rosa silvestre
entre lyrios ou jasmins.

Reguengos. J. A. Marques.

XADREZ

PROBLEMA N.º 5

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Com as sete côres do arco-iris quantas fitas tricolores podemos formar, contendo o amarello, e quantas com exclusão d'esta côr?

Moraes d'Almeida

CARTA ENYGMATICA

Amigo 1, 2, 3, 4. 5, 6, 7, 8, 9, 10

Desejo que tu e a 10. 6. 6, 3 estejam de saude. Não posso ir á feira por estar muito 4, 5, 6. 7, 2 e ainda na convalescença da bronchite. Vê se me arranjas lá um 1. 8, 9, 9. 2 que me convenha, pois tu tens 3, 9. 7. 5 para isso e creio que acertarás com o meu gosto. Desnecessario será dizer-te que seja 1, 3. 9, 10, 7, 2. A 1, 8, 9, 9, 3 só para o 3, 6, 6. 2, pois agora não posso fazer mais despeza.

Teu amigo
1. 5, 6. 7, 2

A RIR

Calino passa junto da Ponte dos vapores, em Belem, e vê um cego a pedir esmola aos transeuntes.

Pára um instante, muito impressionado, e diz para o amigo que o acompanha, mostrando-lhe o cego:

—E pensar a gente que este desgraçado não tem senão os olhos para ganhar a vida!...

*

A esposa d'um chefe de estação do Caminho de ferro de Sueste, fallando da mulher d'um empregado subalterno, casado de fresco:

—Não é de todo feia, mas acho-a tão vagarosa, tão lesma... Parece mesmo um comboio de mercadorias!

*

Atravessando uma ponte, certo bebado, que levava demasiado lastro no estomago, perde o equilibrio e cahe ao rio, de cabeça para baixo.

A mulher, encostada á grade, exclama tranquillamente, emquanto o pobre diabo se afoga.

—Graças a Deus! E' a primeira vez que o vejo beber agua!

Um Dominó.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

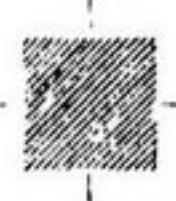
1.ª—Echometro
2.ª—Valerio
3.ª—Salamanca
4.ª—Livraria

Xadrez—Solução do 4.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R. cheque.	1. R. toma F.
2. D. 7 R. cheque	2. R. casa C. R.
3. D. 8 B. R. cheque	3. R. 2 T. R.
4. D. 7 B. R. cheque e mate.	

Do problema:

A figura 1 representa a folha do papel que se pretende decompôr. A maneira de a decompor é indicada na figura 2. A figura 3 mostra que, reunindo os quatro pedaços eguaes, forma-se um quadrado, tendo no centro uma lacuna, de fórma tambem quadrada.

Figura 1 Figura 2 Figura 3

Do logogripho:—Meteorologia.

Do enygma pittoresco:—As contendas das nações são as ruinas dos povos civilisados.

UM CONSELHO POR SEMANA

As estatuetas e medalhões de gesso deterioram-se facilmente, sobre tudo quando estão expostas ao ar.

Eis o modo de remediar este mal:

Dissolvem-se duas partes de cera em oito partes de essencia de teribenthina pura. Quando a solução estiver feita e ainda quente, applica-se uma ligeira camada sobre as estatuetas.

Este verniz deve ser muito liquido, de modo que deixe ás linhas da esculptura toda a sua pureza.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MORENA E A LOIRA

Qual d'ellas excede a outra em formosura, não sei. A morena tem mais votos, mas a loira, com o seu busto angelico, o seu perfil correctissimo de *madonna*, e aquella expressão de bondade que lhe transparece no olhar cheio de uma doce *morbidezza* encantadora, traz tambem enfeitiçados muitos corações.

Francamente, nós reputamo-nos sem competencia para decidir qual das duas val mais, sob o ponto de vista esthetico: o leitor que julgue e que decida, sem melindrar nenhumas d'ellas, é claro.

ESPERA-ME Á NOITE!...

Aquella simples phrase, suspirada medrosamente ao ouvido da gentil *donna*, é o prologo d'um doce poema d'amores, que ha de continuar-se á noite, debaixo da janella rendilhada de qualquer palacio antigo, ou—quem sabe—dentro dos muros discretos d'algum formoso jardim, onde as camelias e as rosas florescem.

Elles amam-se. Deus nos perdoe o temerario juizo, não é para erguer o espirito ás coisas celestes que ella frequenta assiduamente o templo do Senhor: é para ver o garboso namorado. Não foi por mera caridade evangelica que, ao sair da missa conventual, engrossou o dinheiro das Almas com uma esmola avultada: foi para poder ouvir dos labios d'elle aquella phrase balbuciada a medo, que lhe dá o antegoso de mil caricias suaves e ternas.

Como hão de parecer longas e monotonas, a ambos, as horas que os separam da suspirada noite!

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA

Que saudosissimos tempos este quadro nos recorda, e como nós desejariamos poder voltar a elles, enfiando de novo pelo braço o tradicional cabasito do *lunch*!

Era possivel que, no primeiro dia de escola, fizessemos como o rapazinho da estampa, ao dar de cara com alguma bojuda mestra tabaqueira, d'aspecto carrancudo e sinistro. Essa desagradavel impressão havia, porém, de extinguir-se, e nós veriamos outra vez passar pela nossa frente uma existencia descuidosa e alegre, constellada de sorrisos, sem a sombra de qualquer magua tristonha, das muitas que toldam a vida do homem, quando a mocidade foge e as primeiras cans se avizinham.

Palavra de honra que davamos alguma coisa para poder estar na pelle d'aquelle rapazito chorão, embora soffressemos o risco de aturar a rotunda pedagoga que vae ensinar-lhe o *b a* ba!

O NAUFRAGIO

Espectaculo soberbo e ao mesmo tempo horrivel de ver!

O mar, embravecido e revolto, arremessa para os rochedos informes da praia aquella pobre embarcação sem governo, que o rijo vendaval desmastreou durante a noite.

Não restando já nem uma tenuissima esperança de salvamento, os tripulantes abandonaram o navio prestes a despedaçar-se nos penhascos, e procuram alcançar um porto, dentro da fragil lanchinha que fluctua, ao acaso, impellida com violencia pelas vagas tumultuosas.

Conseguirão elles escapar a uma morte quasi certa? E' o que aquella gente está ali tratando de ver, encarapitada, aos magotes, sobre as toscas rochas, emquanto os infelizes naufragos luctam, quasi exanimes, contra a furia dos elementos.

A RAMALHETEIRA (Quadro de A. Piot)

A RAMALHETEIRA

Já entre nós vae apparecendo um ou outro d'estes typos essencialmente parisienses, mas, por mais que façam e por mais que se arrebiquem, não teem o *cachet* peculiar das provocadoras *bouquettières* francezas, a graça e a desenvoltura *canaille*, proprias d'aquellas estranhas creaturinhas travêssas, que enxameam os *boulevards* vendendo violetas e sorrisos.

A's nossas ramalheteiras faltalhes tudo: gentileza, formosura, garridice e espirito, quando não lhes faltam as flores tambem.

Decididamente, ha individualidades que não podem ser transplantadas d'um paiz para outro: teem o seu meio proprio, e só n'elle vivem. Quando muito, imitam-se, mas a imitação é sempre infeliz e quasi sempre ridicula.

Senão, veja-se o que por ahi existe no genero.

C. D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso...............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa